

Lúcio Aneu Sêneca

## **Consolação a Políbio**

Organização, seleção  
e revisão do original  
Matheus Trevizam

Belo Horizonte  
FALE/UFMG  
2007

### **Diretor da Faculdade de Letras**

Jacyntho José Lins Brandão

### **Vice-Diretor**

Wander Emediato de Souza

### **Comissão editorial**

Eliana Lourenço de Lima Reis

Elisa Amorim Vieira

Lucia Castello Branco

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Maria Inês de Almeida

Sônia Queiroz

### **Capa e projeto gráfico**

Glória Campos

Mangá – Ilustração e Design Gráfico

### **Tradução**

Matheus Trevizam

Ana Araújo Grossi Ribeiro

### **Revisão da tradução brasileira**

Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet

### **Preparação de originais**

Cláudia Campos

### **Formatação**

Cláudia Campos

Anderson Freitas

### **Revisão de provas**

Cláudia Campos

Matheus Trevizam

### **Endereço para correspondência**

FALE/UFMG – Setor de Publicações

Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 3025

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Telefax: (31) 3499-6007

*e-mail*: vivavozufmg@yahoo.com.br

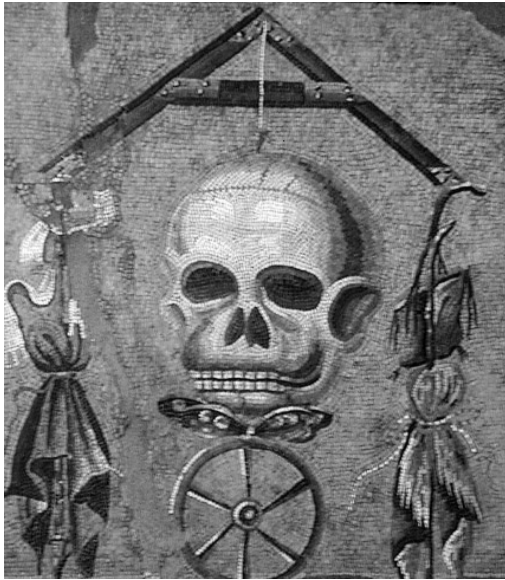
## **Sumário**

**Breve introdução à  
Consolação a Políbio de Lúcio Aneu Sêneca . 7**  
Matheus Trevizam

**Consolação a Políbio . 9**  
Lúcio Aneu Sêneca

**Ad Polybium de consolatione . 30**  
Lucius Annaeus Seneca

**Referências . 48**



***Memento mori***: mosaico de Pompéia, Museu Arqueológico Nacional de Nápoles, anterior a 79 d.C.  
**Fonte:** [www.flickr.com/photos/chrisjohnbeckett/544111281](http://www.flickr.com/photos/chrisjohnbeckett/544111281)

## Breve introdução à *Consolação a Políbio* de Lúcio Aneu Sêneca

Matheus Trevizam

A obra que ora se apresenta, de autoria de Sêneca, importante filósofo, dramaturgo e homem público romano do século I de nossa era (4 a.C. – 65 d.C.), constitui, com a *Consolação a Márcia* e a *Consolação a Hélvia*, uma tríade distinta nos escritos filosóficos do autor: de fato, vinculando-se todas a um tipo compositivo peculiar, costumam ser vistas em conjunto pelos críticos. Referimo-nos, aqui, à “solidária” conformação desta *Consolação a Políbio* aos ditames do gênero consolatório da literatura antiga, afim ao amparo dos desafortunados através de *medicamina* filosóficos adequados à dimensão e natureza de sua dor.<sup>1</sup>

Especificamente, a vítima da sorte a quem se dirigem os lenitivos dessa epístola é Políbio, liberto de origem helênica consternado com a morte de um irmão muito dileto e, pelo que se tem notícia, virtuoso. Políbio, bem situado na alta sociedade romana como homem de pretensões literárias, protegido do imperador Cláudio e responsável burocrático por intermediar os pedidos de cidadãos de todo o império e os olhares do príncipe, apresenta-se-nos, portanto, como exemplo particular de todos aqueles um dia torturados pela perda de alguém.

Mas essa morte vem oferecer-se a Sêneca, é importante dizer, não apenas à maneira de uma oportunidade para pôr “generosamente” em prática seus dotes filosóficos de “médico do espírito”, remetendo-nos ainda, no que concerne à biografia do autor, a uma ocasião propícia para buscar o perdão de Cláudio. Ocorre que o filósofo, na época exilado na ilha de Córsega por discutidos motivos de envolvimento com uma dama da casa Imperial,<sup>2</sup> procura nesta hora esquivar-se

de seus males valendo-se, além da condescendência à dor de uma personagem tão influente quanto Políbio, de diretos elogios àquele que o mandara impiedoso para fora da Itália. Daí, segundo procedimentos talvez ingratos para os apaixonados leitores das demais *Consolações*, a mistura neste texto de intentos consoladores (e de auxílio filosófico a um infeliz) e outros francamente voltados à diminuição de sua desgraça pessoal pela via de adulações que logo percebemos insinceras...

Tal “porém”, entretanto (bem como a patente mutilação da obra em seus inícios),<sup>3</sup> não impede o texto que temos em mãos de exemplificar uma das mais significativas faces do brilhante autor que foi Sêneca e de documentar lados menos explorados de sua personalidade histórica. Nesse sentido, arriscaríamos dizer, cede na *Consolação a Políbio* algo da serena contenção do erudito estóico ao meramente humano.\*

Setembro 2007

<sup>1</sup> Cf. SÊNECA. *Cartas consolatórias*. Trad. de Cleonice F. M. van Raij. Campinas: Pontes, 1992, p. 18-19.

<sup>2</sup> Cf. GRIMAL, P. *La littérature latine*. Paris: Fayard, 1994, p. 389.

<sup>3</sup> Cf. comentário de van Raij *apud* Sêneca, *op. cit.*, p. 25.

\* Conteí, para a realização deste trabalho, com a inestimável colaboração da aluna Ana Araújo Grossi Ribeiro (parte de tradução dos cinco capítulos iniciais e preparo do texto latino) e da profa. Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet (revisão e sugestões finais ao texto em português).

## Consolação a Políbio

I - [...] se comparares à nossa, são resistentes; se remeteres à condição da natureza, que tudo destrói e chama ao mesmo lugar de onde fez surgir, são frágeis. Enfim, que fizeram de imortal mãos mortais? Aquelas sete maravilhas e, se a ambição dos anos subseqüentes eventualmente erigiu outras muito mais admiráveis do que elas, um dia serão vistas niveladas ao solo. É assim: nada é perpétuo, poucas coisas, duradouras; cada uma, à sua maneira, frágil; variam seus destinos, mas tudo começa e acaba. Alguns ameaçam de morte o mundo: então, se for lícito acreditar, um dia consumirá o universo, que abrange todas as coisas divinas e humanas, e mergulhará na antiga confusão e nas trevas. Vá alguém agora e deplore cada alma, as cinzas de Cartago, de Numância e de Corinto; se algo mais alto caiu, choremo-lo, embora deva acabar mesmo ele<sup>4</sup> que não tem onde cair. Vá alguém e se queixe de o destino, que ousará um dia tal atrocidade, não o ter poupado. Quem é de uma arrogância tão altiva e insolente que, sob a lei da natureza, niveladora final de tudo, pretenda que se arrede unicamente para si e os seus, e ainda exclua certa casa da ruína iminente do próprio mundo? O maior consolo, pois, é pensar que aconteceu aquilo que todos antes sofreram, e todos sofrerão. Assim, parece-me a natureza das coisas ter tornado comum o que fizera de mais pesado para que a generalidade mitigasse a crueldade do destino.

II - Também não te ajudará pouco pensares que tua dor em nada será útil àquele de quem sentes falta nem a ti; não quererás, portanto, que seja longo o que é vão. De fato, se seremos levados a algo pela tristeza, não recuso derramar sobre teu destino o pouco que restou das lágrimas do meu; encontrarei mesmo agora o que escorra por estes olhos já exaustos do choro doméstico, bastando que te faça algum

<sup>4</sup> *Ele*: o Universo.

bem. Por que hesitas? Queixemo-nos, e eu mesmo farei desta causa a minha: "Ó sorte, muito injusta na opinião de todos, até agora parecias ter sempre sorrido a este homem, o qual recebera por teu favor tamanha veneração que, coisa rara de suceder a alguém, a felicidade dele espantava a inveja. Eis que o oprimiste com esta dor, a maior possível estando César<sup>5</sup> a salvo, e, tendo-o bem sitiado de todos os lados, percebeste somente assim estar ele vulnerável a teus golpes. Que lhe poderias fazer, então? Tomar o dinheiro? Nunca foi dependente dele; agora mesmo, com todas as forças, empurra-o para longe de si; e, com tanta facilidade de adquiri-lo, não busca nele nenhuma vantagem maior que seu desprezo. Tomar dele os amigos? Sabias ser ele tão amável que facilmente poderia recolocar outros no lugar dos perdidos; dentre os divisados com poder na casa Imperial, de fato, apenas ele pareço ter conhecido cuja amizade seja mais buscada por prazer, embora interesse a todos. Poderias tomar dele a boa reputação? Ela é sólida demais nele para também poder ser abalada mesmo por ti. Tomar a boa saúde? Sabias que seu espírito de tal modo se firmou pelas nobres disciplinas, com as quais foi não apenas nutrido, mas moldado, que se elevava sobre todas as dores do corpo. Tomar a vida? Quão pouco terias prejudicado! Longuíssima vida prometeu-lhe a fama do engenho; ele mesmo o conduziu para que durasse como a melhor parte de si e se livrasse da condição de mortal através das famosas obras da eloqüência que compôs. Enquanto houver alguma glória literária, enquanto resistir a força da língua latina ou a graça da grega, ele brilhará com os maiores homens, a cujos engenhos se equiparou, ou, se o recusa por modéstia, veio a aproximar-se. Assim, teu único cálculo foi descobrir como poderias prejudicá-lo ao máximo; quanto melhor, pois, é alguém, tanto mais freqüentemente se acostumou a suportar-te enfurecida sem motivo algum e temível mesmo ao fazeres o bem. Como

<sup>5</sup> *César*: doravante, salvo exceções, entenda-se por este nome a menção ao imperador Cláudio, contemporâneo de Sêneca e antecessor imediato de Nero no comando do Império.

te custaria pouco preservar tal homem imune a esta injúria, já que tua indulgência parecia ter-lhe tocado na medida certa, e não vindo às cegas como é de costume!”

III – Adicionemos a essas queixas, se queres, as boas disposições do próprio jovem, surpreendidas em meio ao desabrochar inicial: ele foi digno de um irmão como tu. Decerto, muito merecias nada ter a lamentar mesmo por um irmão indigno; mas ele dispõe do testemunho unânime de todos: querem-no para tua honra, elogiam-no para a dele. Nada houve nele que não admitisses com prazer. Certamente, também terias sido bom para um irmão menos bom, mas, tendo encontrado nele um motivo justo, teu afeto aplicou-se com muito maior liberdade. Ninguém sentiu seu poder numa ofensa, nunca ameaçou ninguém com o fato de ter-te como irmão. Moldara-se pelo exemplo de tua modéstia e ponderava em que medida eras a honra e o peso para os teus; ele se dispôs a esse fardo. Ó destino cruel e injusto para todo brio! Teu irmão foi levado antes de conhecer sua felicidade! Sei que me indigno pouco, pois nada é mais difícil que encontrar palavras à altura de uma grande dor. Mas agora mesmo, se der algum fruto, queixemo-nos: “Que cobiçaste, sorte a tal ponto injusta e violenta? Tão cedo te arrependeste de tua indulgência? Que maldade é esta, irromper entre os irmãos e quebrantar o grupo mais harmonioso com uma pilhagem tão cruenta? Quiseste transtornar uma casa tão bem provida de ótimos jovens e por irmão algum decadente, e além disso, lesá-la sem motivo! De nada adianta, então, a inocência por completo afim a toda lei, de nada a frugalidade antiga, de nada, no sumo poder da suma prosperidade, a conservação do desinteresse, de nada o amor sincero e correto das letras, de nada a mente isenta de toda mácula? Políbio chora e, prevenido pela morte de um só irmão do que pode recear para os demais, teme pelos próprios consolos de sua dor. Crime horrível, Políbio chora e lastima algo, sendo-lhe César favorável! Sem dúvida, ó sorte furiosa, conseguiste mostrar que ninguém pode ser defendido contra ti nem mesmo por César.”

IV – Por muito tempo podemos acusar o destino; mudá-lo, não: permanece duro e inexorável. Ninguém o move com insultos, ninguém com choro, ninguém com razões. Jamais se abstém ou afasta algo de alguém. Assim, poupemos as lágrimas inúteis; afinal, mais facilmente essa dor nos levará aos que perdemos do que os trará de volta a nós. Se a dor nos atormenta e de nada vale, deve ser sempre abandonada no início; também se deve afastar o espírito de vãs compensações e de certo gosto amargo de sofrer. Na verdade, se nenhum cálculo tiver dado fim às nossas lágrimas, a sorte não o dará. Eia, observa todos os mortais à tua volta, por toda parte há copioso e perene motivo de choro. A pobreza laboriosa chama um ao trabalho quotidiano; a ambição, sem cessar, incita outro; um teme as riquezas que cobiçara, e sofre pelo que desejou; a solidão tortura um, as boas-graças, outro; a outro, a multidão sempre a assediá-lo o vestibulo; a este dói ter filhos, àquele, tê-los perdido. Antes nos faltarão lágrimas que motivos para sofrer! Não vês que vida nos ofereceu a natureza das coisas, desejando que o primeiro choro dos homens fosse ao nascerem? Em tal começo viemos à luz, conformam-se seqüencialmente a ele todos os anos posteriores. Assim levamos a vida e, por isso, devemos fazer moderadamente o que com freqüência se deve fazer; observando ainda quantas tristezas vêm em nosso enalço, é preciso, se não acabar com as lágrimas, decerto guardá-las. Nada deve ser mais poupado do que aquilo cujo uso é tão freqüente.

V – Também não te ajudará pouco pensares que a ninguém é menos agradável a tua dor do que àquele a quem parece ser oferecida. Ele não quer que te atormentes ou não o entende. Assim, nenhum motivo há para este obséquio: se nada sente aquele para quem é oferecido, é mais do que vão fazê-lo; se tem sentimentos, é penoso. Arriscaria dizer que ninguém há em todo o mundo que se compraza com tuas lágrimas. E então? Crês que venha de teu irmão o mau intento que nenhuma outra pessoa nutre contra ti, de

prejudicar-te com teu sofrimento, de querer demover-te de tuas ocupações, ou seja, do estudo e de César? Isso não é verossímil. Ele, com efeito, ofereceu-te ternura como a um irmão, veneração como a um pai, reverência como a um superior; ele quer que tenhas benignidade, não causar-te o tormento. Assim, adianta consumir-te de uma dor que, se algum sentimento têm os mortos, teu irmão deseja que cesse? Eu poria isso tudo em dúvida e diria de um outro irmão, cuja vontade pudesse parecer incerta: "Se teu irmão quer que te atormentes com lágrimas contínuas, é indigno desta tua afeição; se não quer, afasta de ambos esta dor estagnada: não se deve sentir assim a falta de um irmão desalmado, e um bom não o quererá." Quanto a teu irmão, de fato, cuja ternura foi tão assegurada, deve-se ter por certo que nada pode ser mais duro a ele do que se esta sua morte te é dura, se de algum modo te tortura, se perturba e exaure com um choro infundável os teus olhos, os mais indignos desse mal. Nada, contudo, apartará teu afeto de lágrimas tão inúteis quanto pensares que debes servir de exemplo para teus irmãos, suportando com coragem esta injúria da sorte. Também debes fazer agora o que os grandes líderes fazem em circunstâncias críticas, a fim de simularem contentamento propositalmente e ocultarem adversidades com uma alegria falsa, para que o ânimo dos soldados, ao notarem o abatimento do espírito de seu líder, não decaia também. Assume um rosto diverso de teu espírito e, se for possível, expulsa em geral toda a dor; se não, oculta-a por dentro, reprime-a para que não apareça e atenta para que teus irmãos te imitem; julgarão honesto o que quer que te virem fazendo e regravão o espírito por teu rosto. Deves ainda ser seu consolo e consolador; não poderás, porém, opor-te à tristeza deles, se tiveres cedido à tua.

VI - Também te pode apartar da excessiva tristeza teu próprio entendimento de que a nada do que fazes é possível ocultar-se. O consenso dos homens te impôs um grande papel: é teu dever guardá-lo. Rodeia-te toda essa multidão de

consoladores, investiga e observa em teu espírito quanta força ele tem contra a dor e se tu apenas com a ventura sabes lidar, ou ainda podes virilmente tolerar a desdita; teus olhos são observados. Mais livre é tudo o que cabe àqueles cujas paixões podem ocultar-se; de nenhum segredo dispões livremente: a sorte te pôs sob luz crua. Todos saberão como te portaste nesta tua dor, se, ferido, logo baixaste as armas ou te postaste de pé. Outrora, ergueu-te a uma posição mais alta a bem-querença de César e teus esforços. Nada de plebeu te convém, nada de baixo. Mas o que é tão baixo e afeminado quanto entregar-se à dor para ser consumido? Na tristeza comum, não te é permitido o mesmo que a teus irmãos. Muito não te permite a fama aceita sobre tua erudição e costumes: os homens exigem e esperam muito de ti. Se querias permitir-te tudo, não tivesses atraído para ti a face de todos; agora, debes ser tanto melhor quanto prometeste. Todos aqueles que elogiam as obras de teu engenho, que as copiam, que, embora não dependam de tua sorte, dependem de teu engenho, são vigias de teu espírito. Em nada podes faltar como homem perfeito e erudito que não deixes muitos arrependidos de admirar-te. Não te é permitido chorar demais, e não só isso não é permitido: sequer o é prolongar o sono para uma parte do dia, fugir do tumulto rotineiro no ócio do campo tranquilo, refazer o corpo estafado da eterna vigília de um cargo difícil viajando por gosto, deleitar a mente com a variedade dos espetáculos ou regravar o dia a teu bel-prazer. Muito do que é permitido aos rebaixados e postos na sombra não te é permitido: um destino privilegiado é uma grande servidão. Nada te é permitido fazer a teu bel-prazer: tantos milhares de homens a ouvir, tantos requerimentos a ordenar; tamanha soma de negócios afluindo do mundo todo deve ser desemaranhada para que possa fazer-se ver em ordem pelo maior príncipe. Não te é permitido, digo, chorar: para que possas ouvir muitos lamentosos, para que possas ocupar-te das lágrimas dos que correm riscos e desejam alcançar a misericórdia do mais brando César, as tuas devem estar secas.

VII - Contudo, também isto ajudar-te-á com mais brandos remédios: quando quiseres esquecer-te de todas as coisas, pensa em César. Vê quanta confiança, quanto empenho deves à indulgência dele para contigo; entenderás não mais ser permitido a ti prostrar-te do que àquele, se há algo de confiável nos mitos, em cujos ombros o mundo se apóia. Também ao próprio César, a quem tudo é permitido, por isso mesmo muito não é permitido: sua vigília garante o sono de todos, o esforço dele o ócio de todos, o empenho dele os prazeres de todos, a ocupação dele a pausa de todos. Desde que César se votou ao mundo, furtou-se a si: à maneira dos astros, que sempre descrevem suas órbitas sem cessar, nunca lhe é permitida uma pausa nem fazer algo seu. Assim, de certo modo, a mesma necessidade também se vincula a ti. Não te é permitido ter em vista tuas vantagens ou teus desejos: possuindo César o mundo, não podes entregar-te ao prazer, nem à dor, nem a nada mais; deves-te inteiro a César. Também acrescenta que, como sempre espalhas que César é mais caro a ti do que a própria vida, estando César a salvo não te é lícito queixar-te da sorte. Estando ele são e salvo, estão salvos para ti os teus e nada perdeste; convém que teus olhos estejam não só secos, mas ainda alegres. Tudo teu reside nele, ele te repõe tudo. Muito te afastas de teus sentimentos prudentíssimos e de grande deferência, és ingrato à tua felicidade se te permites chorar algo estando ele a salvo.

VIII - Mostrarei ainda um remédio, não decerto mais forte, mas mais familiar. Se alguma vez te recolheres em casa, então deverás temer a tristeza: pois, quão longamente contemplares teu deus, nenhum acesso terá o pesar a ti, César dominará tudo de teu; quando te afastares dele, então, como que dada a oportunidade, a dor estará à espreita de tua solidão e paulatinamente insinuar-se-á em teu espírito em repouso. Assim, não se concebe que alguma vez te permitas deixar os estudos. Então dêem paga a ti as tuas letras tão longamente e tão fielmente amadas; então salvem elas a ti,

seu mestre e cultor; então, tendo tu desejado dá-los a conhecer a mais pessoas do que a seu público original, passem muito tempo contigo Homero e Virgílio, tão beneméritos do gênero humano quanto foste benemérito deles e de todos;<sup>6</sup> estará seguro o tempo todo o que entregares a eles para ser guardado. Então os feitos de teu César, para que por todos os séculos sejam contados num panegírico familiar, escreve com o maior zelo; pois ele mesmo dar-te-á otimamente o tema e o modelo de redigir e compor os feitos.<sup>7</sup> Não ouse levar-te até o ponto de que também fábulas e apólogos à moda de Esopo, obra não tentada por engenhos romanos, encadeies com tua elegância costumeira: pois de fato é difícil que um espírito tão fortemente atingido possa tão rápido dar-se a esses trabalhos ligeiros. Contudo, considera como prova de um espírito já fortalecido e tornado a si, se puder, de escritos mais graves, dedicar-se àqueles mais leves. Na verdade, naqueles, a própria austeridade do que tratar distraí-lo-á, embora ainda aflito e em resistência consigo mesmo; mas apenas suportará aquilo que deve ser escrito sem rugas na fronte quando já estiver de acordo consigo mesmo em tudo. Assim, deverás primeiro exercitá-lo com um tema mais grave, depois acalmar com um mais alegre.

IX - Também será de grande alívio para ti com frequência te interrogares assim: "sofro por minha causa ou por aquele que se foi? Se por minha causa, morre a jactância da ternura e começa a dor, apenas desculpável por ser honesta, mas, quando tem em vista a utilidade, degenerada do justo; nada, porém, convém menos a um homem bom do que contabilizar a morte do irmão. Se sofro por causa dele, é preciso que uma ou outra destas considerações dê a última palavra: se nenhum sentimento têm os mortos, meu irmão livrou-se de

<sup>6</sup> Políbio, liberto de origem helênica, dedicara-se às letras traduzindo em prosa Homero para o latim e Virgílio para o grego.

<sup>7</sup> Segundo informado por Suetônio (*Vita Claudii* 41-42), o imperador dedicara-se à composição de obras históricas.



todos os incômodos da vida, foi devolvido àquele lugar onde estivera antes de nascer e, livre de todo mal, nada teme, nada deseja, nada sofre: que loucura é essa, nunca deixar de sofrer por aquele que nunca sofrerá? Se têm algum sentimento os mortos, agora o espírito de meu irmão, como que solto de uma longa prisão, enfim age por seu direito e arbítrio e usufrui do espetáculo das coisas da natureza, olha de cima todas as humanas, as divinas, de fato, cuja razão tão longamente procurara sem resultados, observa mais de perto. Assim, por que sou afligido pela falta daquele que está feliz ou não existe? Lamentar alguém feliz é inveja, quem não existe, loucura.” Acaso te comove o fato de que parece ter-se privado de coisas enormes e especialmente cercadas de boas? Quando pensares que há muitas coisas que perdeu, pensa que são mais as que não teme. A ira não o torturará, a doença não o afligirá, a suspeita não o perturbará, a inveja voraz e sempre inimiga do sucesso alheio não o perseguirá, o medo não o molestará, a leviandade da sorte transferindo rápido os seus dons não o inquietará... Se bem considerares, mais foi afastado dele que tomado. Não usufruirá de riquezas, não usufruirá conjuntamente de tua posição e da dele; não receberá benefícios, não dará: tu o consideras infeliz porque perdeu essas coisas ou feliz porque não as deseja? Acredita em mim, aquele para quem a sorte é supérflua é mais feliz do que aquele por quem foi alcançada. Todos os bens que nos deleitam lisonjeando, embora falsamente prazerosos — o dinheiro, a posição, o poder e muitos outros, diante dos quais a cobiça cega do gênero humano se encanta —, são possuídos com esforço e vistos com inveja; os mesmos a que abrilhantam, por fim, também oprimem; mais ameaçam do que são úteis; são arriscados e incertos, nunca seguros por inteiro: ainda que nada se tema quanto ao futuro, a própria guarda de uma grande felicidade é sem sossego. Se quiseres crer nos que vêem a verdade mais profundamente, toda a vida é um suplício; lançados nesse mar profundo e inquieto, com marés alternadas que vêm e vão, ora erguendo-nos com

progressos súbitos, ora destruindo-nos com maiores danos e freqüentemente jogando, nunca paramos num lugar estável: ficamos hesitantes e flutuamos, somos atirados uns contra os outros, às vezes naufragamos, sempre tememos. Nesse mar tão proceloso e exposto a todas as tempestades, nenhum porto a não ser a morte têm os navegantes. Assim, não invejes teu irmão: descansa. Finalmente livre, finalmente, seguro, finalmente eterno está. Tem César, todos os filhos dele e a ti são e salvos, além dos irmãos comuns; antes que a sorte mudasse algo com respeito às suas graças, deixou-a ainda de pé e empilhando dons com mão cheia. Usufrui agora de um céu aberto e livre: elevou-se de um lugar humilde e rebaixado para aquele, qualquer que seja ele, que recebe no seio ditoso as almas soltas das amarras, e agora vaga ali livremente e enxerga todos os bens da natureza das coisas com o maior prazer. Não: teu irmão não perdeu a luz, mas obteve por sorte uma mais pura! Todos nós temos um caminho comum a esse. Por que choramos o destino? Ele não nos deixou, mas antecedeu. É, acredita em mim, grande a felicidade de morrer em meio à própria felicidade. Nada há de certo sequer um dia inteiro. Quem, numa verdade tão obscura e emaranhada, pressagia se a morte invejou ou olhou por teu irmão?

X - Além disso, com a justiça que manifestas em tudo, é preciso ajudar-te a reflexão de que não te atingiu uma injúria porque perdeste este irmão, mas foi dado um benefício porque tão longamente foi permitido servir-te e usufruir do afeto dele. É iníquo quem não deixa o arbítrio de seu dom para quem dá, ávido quem não situa entre os lucros o que recebe, mas entre os danos o que entrega. É ingrato quem chama de injúria o fim do prazer, tolo quem julga que nenhum fruto dão exceto os bens presentes, quem não se compraz também nas coisas passadas e considera mais garantidas aquelas que se foram, pois a respeito delas não é preciso temer que acabem. Demais estreitas são as alegrias de quem considera usufruir apenas das coisas que toca e vê,

mas conta como nada tê-las tido um dia; pois rapidamente o prazer nos abandona a todos, flui, passa e quase antes de vir é subtraído. Assim, o espírito deve ser remetido ao tempo passado, e o que quer que nos tenha deleitado um dia deve ser revocado e tentado com o pensamento freqüente; mais longa e fiel é a memória das alegrias do que sua presença. Conta entre os maiores bens, então, teres tido um ótimo irmão. Não é pensares por quanto tempo mais terias podido tê-lo, mas por quanto tempo tiveste. A natureza das coisas não o deu a ti com direitos de propriedade, assim como a outros irmãos seus irmãos, mas emprestou; quando lhe pareceu bem, recobrou, e nisso não seguiu tua saciedade, mas a lei dela. Caso alguém se conformasse penosamente com que o dinheiro emprestado fosse devolvido, sobretudo aquele cujo uso recebera de graça, porventura não seria considerado injusto? A natureza deu a vida a teu irmão, deu-a também a ti: tendo ela usado de um direito seu, se de quem desejou exigiu mais rápido o devido, a culpa não é dela, já que sua condição era conhecida, mas da esperança ávida de um espírito mortal, que incessantemente se esquece de como é a natureza das coisas e nunca se lembra de seu destino, a não ser quando é advertida. Assim, alegra-te por teres tido um irmão tão bom, e a convivência e os benefícios dele, embora tenham sido mais breves do que querias, tem-nos por um bem. Pensa que foi agradabilíssimo o que tiveste, humano o que perdeste. Na verdade, nada é menos cabível do que perturbar-se alguém pelo fato de um irmão assim pouco lhe ter cabido, e não alegrar-se porque, seja como for, coube.

XI - "Mas foi tomado de surpresa!" Engana a cada um sua credulidade, é voluntário o esquecimento da condição mortal naquilo que se ama; a natureza a ninguém afiançou que se absteria de sua norma. Todos os dias, diante de nossos olhos, passam funerais de conhecidos e desconhecidos: nós, porém, pensamos diferente e julgamos que é repentino o que pela vida inteira nos é mostrado como por um fio. Assim, não é isso uma iniquidade do destino, mas loucura da mente

humana insaciável de tudo, que se indigna por sair de onde só foi admitida precariamente. Quão mais justo foi aquele que, anunciada repentinamente a morte do filho, disse algo digno de um grande homem: "Quando gerei, soube que morreria." De modo algum se admiraria que dele tenha nascido quem pudesse morrer com coragem! Não recebeu como uma nova a morte do filho; com efeito, que de novo há em morrer um homem, cuja vida inteira nada mais é a não ser um caminho para a morte? "Quando gerei, soube que morreria". Depois juntou algo de maior previsão e espírito: "E criei para isso". Todos somos criados para isso: quem quer que venha à vida se destina à morte. Alegremo-nos com o que for dado, e devolvamo-lo quando formos cobrados. O destino apanhará cada um por vez; ninguém deixará ele de lado: que o espírito se erga armado e nunca tema o que é preciso, mas sempre espere o que é incerto. Por que mencionaria eu os líderes, os filhos dos líderes e os ilustres com muitos consulados e triunfos, mortos por implacável fatalidade? Reinos inteiros com os reis e povos com nações sofreram seu destino. Todos, ou melhor, tudo, tem em vista o dia fatal. O fim não é o mesmo para todos: a vida desampara um no meio do caminho, deixa outro na própria entrada, larga outro a custo na velhice tardia, já cansado e querendo partir; decerto em tempos distintos, mas todos vamos ao mesmo lugar. Não sei se é mais néscio ignorar a lei da mortalidade ou impudente recusá-la. Eia, toma nas mãos aqueles poemas de quaisquer dos dois autores,<sup>8</sup> divulgados com muito esforço de teu engenho e de tal modo postos em prosa que a beleza permanece, apesar da ausência do metro; na verdade, de tal forma tu os traduziste de um idioma para outro que, feito incomum, conservaste-lhes todas as suas qualidades na linguagem alheia. Nenhum livro haverá naqueles escritos sem sugerir-te abundantes exemplos da diversidade humana, dos acontecimentos incertos e das lágrimas correndo por um e

<sup>8</sup> Cf. *supra* nota 6.

outro motivo. Relê com quanto fôlego fizeste ecoar palavras imponentes! Tu te envergonharás de subitamente desertar e decair de tamanha grandeza do discurso. Não permitas a algum provável admirador irrestrito de teus escritos perguntar como um espírito tão frágil concebeu coisas tão grandes e tão sólidas.

XII - De preferência, desvia-te dessas coisas que machucam em direção às tantas e tamanhas que confortam, e volta os olhos para os ótimos irmãos, volta os olhos para a esposa, volta os olhos para o filho. Pela salvação de todos esses, a sorte falha contigo neste ponto; tens muitos com que te consolares. Livra-te dessa infâmia para que não pareça a todos que para ti tem mais força uma só dor do que esses consolos tão abundantes. Vês a todos esses atingidos contigo e sem poder ajudar-te, ou melhor, também reconhecetes estarem eles esperançosos de que sejam apoiados por ti; e, por isso, quanto menos saber e engenho há neles, tanto mais é preciso que te oponhas ao mal comum. Mas a ocasião apresenta precisamente este consolo: com muitos dividir sua dor. Ela, porque é repartida entre muitos, deve tocar-te em pequena parte. Não cessarei de apontar-te César reiteradamente. Governando ele as terras e mostrando quanto melhor por benefícios que por armas o poder é conservado, comandando ele os assuntos humanos, não há risco de que sintas teres perdido algo: nisso apenas há bastante segurança e bastante consolo para ti. Ergue-te e, quantas vezes brotarem lágrimas de teus olhos, tantas os dirige para César: estarão secos pela visão do maior e mais ilustre deus; e o brilho dele, de modo que nada mais possam olhar, vai atingi-los e detê-los fixos sobre si próprio. Ele, que tu contemplos de dia e de noite, de quem nunca afastas o espírito, deve estar em tua mente, ele deve ser chamado em socorro contra a sorte. E não duvido, sendo tamanha a brandura dele para com todos os seus e tamanha a indulgência, de que já tenha fechado com muitos consolos essa tua ferida, e de que já tenha acumulado muito que tolhesse tua dor. Que mais? Mesmo que nada disso tenha

feito, acaso a própria visão por si mesma e o pensamento contínuos em César não servem de maior consolo para ti? Que os deuses e deusas o emprestem por longo tempo às terras! Iguale os feitos do Divino Augusto,<sup>9</sup> vença os anos! Por quanto tempo estiver entre os mortais, nada sintas de sua casa ser mortal! Aprove por longa experiência o filho como líder do poder romano e o tome como um colaborador do pai antes de que como um sucessor! Tardio e somente para nossos netos seja conhecido o dia em que sua verdadeira família o reclame para o céu!

XIII - Afasta dele tuas mãos, ó sorte, nem mostres tua força nele exceto naquilo em que és favorável! Deixa que ele cure o gênero humano já há muito tempo doente e enfraquecido, deixa que ele reintegre e reponha em seu lugar o que quer que a fúria do príncipe anterior tenha abalado! Aquele astro que brilhou, precipitado o mundo nas profundezas e mergulhado nas trevas, brilhe para sempre! Que ele pacifique a Germânia, franqueie a Britânia e conduza os triunfos do pai e os novos! A clemência, que alcança o primeiro lugar entre suas qualidades, promete que eu também serei observador deles. Na verdade, não me derrubou com intentos de nunca reerguer, ou melhor, sequer me derrubou, mas segurou-me impelido pela sorte e a cair, e, indo abaixo, suavemente pousou-me com brandura usando as mãos divinas: implorou ao Senado por mim e não só me entregou a vida, como ainda a pediu. Estará sob seu arbítrio: pondere ele de que tipo quererá que seja minha causa; ou sua justiça note que é lícita ou a clemência a faça lícita. Um e outro benefício seu será o mesmo para mim, quer entenda que sou inocente, quer o deseje. Enquanto isso, um grande consolo de minhas infelicidades é ver sua misericórdia percorrendo o mundo inteiro: ela, porque do próprio deserto onde fui encerrado desencavou a muitos oprimidos por uma desgraça já de longos anos e os reconduziu à luz, não temo

<sup>9</sup> *Divino Augusto*: Augusto, o primeiro imperador romano, chamado *Diuus* (divino) em reconhecimento a seus feitos.

que omitta apenas a mim. Mas conhece bem o tempo em que deve socorrer a cada um; darei toda a atenção a que não se envergonhe de vir até mim. Ó propícia clemência tua, César, que faz com que sob ti os exilados levem uma vida mais sossegada do que há pouco sob Gaio levaram os grandes! Não tremem, nem a cada hora esperam a espada, nem se apavoram à toda visão de navios; por ti têm, assim como um termo da sorte ingrata, também a esperança de uma melhor e o sossego do presente. Pode-se saber com certeza que são muito justos os raios a que mesmo os atingidos veneram!

XIV - Assim este príncipe, consolo geral de todos os homens, ou engano-me totalmente ou já reconfortou teu espírito e pôs remédios maiores em tamanha ferida. Já te fortaleceu de todo modo, já, com sua memória privilegiada, lembrou todos os exemplos pelos quais poderias ser levado à serenidade do espírito, já expôs os preceitos de todos os sábios com sua costumeira eloquência. Assim, ninguém mais capacitado se poria a consolar-te: falando ele, as palavras terão outro peso, como que vindas de um oráculo; sua autoridade divina aniquilará toda a força de tua dor. Então, considera que te diz: "A sorte não escolheu apenas a ti para que uma injúria tão grave afetasse; nenhuma casa em todo o mundo é ou foi sem algum pranto. Omitirei os exemplos comuns, que, embora menores, são, contudo, admiráveis; levar-te-ei aos fastos e anais públicos. Vês todos esses retratos<sup>10</sup> que encheram o átrio dos Césares? Todos eles são célebres por algum transtorno aos seus; todos entre esses homens, refulgindo para a glória dos séculos, foram torturados pela saudade dos seus ou sentiram a falta deles com a maior dor do espírito. Por que falaria a ti de Cipião Africano, a quem a morte do irmão foi anunciada no exílio? Esse irmão, que livrou o irmão do cárcere, não o pôde livrar do destino; e todos souberam quão insubordinado à lei e ao lícito foi o afeto de Africano: no mesmo dia em que Cipião Africano subtraía o

<sup>10</sup> As *imagines* eram bustos dos ancestrais, originalmente em cera, reverencialmente mantidos no átrio das casas das grandes famílias romanas.

irmão das mãos de um *uiator*,<sup>11</sup> a um tribuno da plebe, sendo mero particular, opôs-se. Tão corajosamente, contudo, sentiu a falta de seu irmão quanto o protegera. Por que falaria de Cipião Emiliano, que quase num único e mesmo tempo viu o triunfo do pai e os funerais de dois irmãos? Mesmo jovem (quase um menino), com tamanha coragem suportou aquela ruína súbita de sua família a esfacelar-se às portas do próprio triunfo de Paulo quanto deveu suportar um homem nascido para que ele não faltasse à pátria romana ou Cartago sobrevivesse a ela.

XV - Por que falaria da concórdia dos dois Luculos, desfeita pela morte? Por que dos Pompeus, aos quais a sorte enraivecida sequer deixou que caíssem juntos por uma só ruína? Viveu Sexto Pompeu primeiro resistindo à irmã, por cuja morte os laços muito bem urdidos da paz romana foram desfeitos, ele mesmo viveu resistindo ao excelente irmão, que a sorte erguera para que não menos alto o deitasse abaixo do que deitara o pai; depois desse acidente, contudo, Sexto Pompeu não só tolerou a dor, mas ainda a guerra. Acorrem de todos os lados exemplos de irmãos separados pela morte, ou melhor, a custo um dia algum par foi visto envelhecer junto. Mas contentar-me-ei com os exemplos de nossa casa: ninguém, com efeito, será tão falto de senso e juízo que se queixe de que a sorte tenha trazido o luto a alguém, sabendo-a mesmo as lágrimas dos Césares ter ardentemente desejado. O Divino Augusto perdeu a caríssima irmã Otávia, nem sequer àquele, a quem destinara o céu, a natureza das coisas tirou a necessidade de chorar. Ou melhor, decerto foi abalado por todo tipo de perda: perdeu o filho da irmã preparado para sua sucessão; para não enumerar, enfim, cada tristeza dele, perdeu genros, filhos e netos, e ninguém mais dentre todos os mortais sentiu que era humano enquanto esteve entre os homens. Contudo, seu peito, muito capaz de todas as coisas, agüentou tantas e tamanhas dores, e o Divino Augusto foi não

<sup>11</sup> *Viator*: representante móvel das autoridades romanas (como, aproximadamente, um oficial de justiça entre nós).

só vencedor de povos estrangeiros, mas ainda de dores. Gaio César, neto do Divino Augusto, meu tio materno, perdeu nos primeiros anos de sua juventude o caríssimo irmão Lúcio — ambos Príncipes da Juventude —<sup>12</sup> ao preparar-se a guerra dos Partos, e foi então bem mais gravemente atingido por uma ferida do espírito do que, depois, pela do corpo; a ambas suportou com muito brio e coragem. Ti. César, meu tio paterno, perdeu entre abraços e beijos meu pai Druso Germânico, irmão mais novo que dava a conhecer o interior da Germânia e submetia povos ferocíssimos ao poder romano: impôs, contudo, não só um limite a seu choro, mas ainda ao dos outros; e reconduziu ao hábito de luto romano um exército inteiro não só triste, mas ainda atônito e a pedir-lhe o corpo de seu Druso, julgando que não apenas a disciplina militar devia ser mantida, mas ainda a disciplina da dor. Não teria podido ele reprimir as lágrimas alheias, se primeiro não tivesse reprimido as suas.

XVI - Meu avô M. Antônio, a ninguém inferior exceto àquele que o venceu, inteirou-se da morte do irmão enquanto ordenava a República, tinha o poder triunviral e nada via sobre si, mas, ressalva feita aos dois colegas, enxergava tudo abaixo. Sorte insolente, que brinquedos tu te fazes com os males humanos! No mesmo tempo em que M. Antônio se firmava como árbitro de vida e morte de seus concidadãos, mandava-se levar o irmão de M. Antônio ao suplício! M. Antônio, contudo, tolerou essa tão triste ferida com a mesma grandeza de espírito com que tolerara todas as outras dificuldades, e foi este o seu lamentar: sacrificar ao irmão com o sangue de vinte legiões. Mas, para deixar de lado todos os outros exemplos, para calar também outras tristezas pessoais, duas vezes a sorte atacou-me com uma perda

<sup>12</sup> Segundo observado por van Raij, o título de "Príncipe da Juventude", iniciado com sua concessão pelos cavaleiros romanos a Gaio e Lúcio César, netos do imperador Augusto, reservava-se aos moços da casa Imperial. Representou uma homenagem provisória oferecida por esse grupo (*equites*) com o consentimento do monarca, e que deveria abandonar-se com a cronológica ascensão dos contemplados a planos sociais superiores (cf. SÊNECA. *Cartas consolatórias*. Trad. de Cleonice F. M. van Raij. Campinas: Pontes, 1992, p. 116).

fraterna, duas vezes entendeu que eu podia ser lesado, não vencido. Perdi meu irmão Germânico, o qual decerto entende como amei quem quer que conceba como os irmãos afetuosos amam seus irmãos; de tal forma, porém, assenhoreei-me do sentimento que não preterisse nada que devia ser cobrado de um bom irmão, nem fizesse o que podia ser repreendido num príncipe."

Então, entende que o Pai público dá tais exemplos a ti, e que ele mesmo mostra o quanto nada é sagrado e intocado para a sorte, a qual ousou conduzir os funerais daqueles penates de onde buscaria deuses. Ninguém admire, assim, que algo seja feito cruelmente ou sem motivo pela sorte: pode conhecer alguma equidade ou medida contra casas particulares aquela cuja implacável sevícia tantas vezes causou desgraças até a altares? Ainda que lhe façamos um insulto, não só com nossa boca, mas com muitos, não será mudada; erguer-se-á contra todos os pedidos e todas as queixas. A sorte foi assim nas coisas humanas, assim será: nada deixou intentado por si, nada deixará intocado. Irá impetuosa por tudo, como sempre foi de costume, tendo ousado entrar para ferir também naquelas casas em que se entra por templos, e cobrirá com veste negra portas forradas de louros. Apenas isto obtemos dela com votos e preces públicas, se ainda não lhe agradou consumir o gênero humano, se até agora tem em consideração, propícia, o nome romano: queira que este príncipe dado à humanidade decadente seja sagrado para ela, assim como para todos os mortais! Aprenda dele a clemência e se torne branda para o mais brando de todos os príncipes!

XVII - Deves, assim, observar todos aqueles a que pouco antes me referi, admitidos ao céu ou próximos dele, e suportar com força a sorte também a ti estendendo as mãos, que não afasta sequer daqueles por quem juramos. Deves imitar a firmeza deles em agüentar e triunfar sobre as dores tanto quanto é lícito ao homem ir por pegadas divinas. Embora em outros fatores haja grandes diferenças de

posições e nobrezas, a virtude foi partilhada: ninguém despreza que se julga digno dela. Decerto imitarás do melhor modo aqueles que, podendo indignar-se com o fato de não serem eles próprios excluídos desse mal, não consideraram uma injúria nisso apenas igualar-se aos outros homens, mas um direito da mortalidade, nem suportaram dura ou asperamente demais o que aconteceu, nem mole e afeminadamente. Na verdade, não sentir seus males não é humano, não suportá-los não é viril.

Não posso, contudo, percorrendo todos os Césares de quem a sorte tomou irmãos e irmãs, omitir este,<sup>13</sup> a apartar-se do número maior dos Césares, que a natureza das coisas produziu para ruína e opróbrio do gênero humano, cujo poder exaurido e arruinado por inteiro a clemência do príncipe suavíssimo restaura. G. César, perdida a irmã Drusila, esse homem que não poderia mais sofrer do que alegrar-se à maneira de um príncipe, furtou-se à presença e ao contato de seus cidadãos, não esteve nos funerais da irmã e não cumpriu as obrigações devidas a ela, mas, em sua herdade de Alba com dados e outras ocupações do tipo, mitigava os males de um acerbíssimo funeral. Ó vergonha do poder, um dado foi o consolo de um príncipe romano que chorava a irmã! Aquele mesmo Gaio, com furiosa inconstância, ora deixando crescer a barba e os cabelos, ora percorrendo errante as costas da Itália e da Sicília e nunca bastante certo se queria que a irmã fosse chorada ou venerada, ao mesmo tempo em que fundava templos e altares para ela fustigava com amargo castigo aqueles que ficaram pouco tristes. Atingido, pois, por circunstâncias adversas, conduzia-se com a mesma leveza de espírito com que, arrebatado pelas favoráveis, inchava-se além da medida humana. Que a este exemplo se furte todo homem romano: distrair-se de sua tristeza com jogos inoportunos, incitá-la com a fealdade da imundícia e do desalinho, deleitar-se com os males alheios num consolo minimamente humano!

<sup>13</sup> Referência, como mau exemplo, a Calígula, imperador romano anterior a Cláudio.

XVIII - Nada deves mudar de teus hábitos, já que decerto determinaste amar aquelas ocupações que muito bem geram a felicidade e facilmente diminuem a desdita, e elas mesmas são as maiores glórias e consolos do homem. Assim, mergulha agora mais intensamente em teus estudos, cerca-te agora daquelas coisas como de defesas do espírito, para que em nenhuma parte tua a dor encontre acesso. Prolonga também a memória de teu irmão com algum trabalho de teus escritos: isso é a única obra dentre as humanas a que calamidade alguma faz mal, que nenhuma velhice consome. As demais, que consistem em estruturas de pedras e massas de mármore ou tumbas de terra elevadas às alturas, não dilatam duradouramente o tempo, porque também elas se vão; é imortal a lembrança do engenho. Concede isso a teu irmão, nisso o põe: melhor perpetuá-lo-ás para sempre com um engenho duradouro do que chorá-lo-ás com dor vã. Quanto à própria sorte, mesmo se agora sua causa não pode ser defendida junto de ti (pois tudo aquilo que nos deu é-nos odioso precisamente por ter tomado algo), poderá ser defendida logo que o tempo te fizer seu juiz mais benévolo; então poderás voltar à harmonia com a sorte. De fato, muito providenciou com que sanar essa injúria, muito ainda dará com que compensá-la; por fim, aquilo mesmo que tomou dera espontaneamente a ti. Não uses, então, teu engenho contra ti, não te apegues à tua dor. Pode decerto tua eloqüência mostrar como grande o que é pequeno e, inversamente, atenuar o grande e reduzi-lo ao mínimo. Mas conserve ela para outra hora essas forças que tem, agora se volte inteira para teu consolo. Contudo, cuidado para que mesmo isso também não se torne excessivo: de fato, a natureza nos exige um montante, mais é tomado pela vaidade. Mas eu nunca exigiria de ti que de modo algum te lamentasses. Sei que se encontram alguns homens de uma prudência mais dura que forte, que neguem que o sábio haja de sofrer: não me parecem alguma vez terem passado por uma ocasião semelhante, ou a sorte teria derrubado sua sabedoria altiva e

impelido-os à confissão da verdade mesmo contrariados. Bastante terá a razão cumprido se apenas isto suprimir da dor, o que é excessivo e sobra; decerto, ninguém deve esperar nem desejar que ela tolere que nada, em absoluto, isso seja. Antes conserve ela aquela medida, que nem imite o desafeto nem a insânia, e mantenha-nos no estado de uma mente dedicada e não aflita. Fluam as lágrimas, mas também cessem; arranquem-se gemidos do fundo do peito, mas também se acabem: de tal modo comanda teu espírito que possas fazer-te aprovar pelos sábios e pelos irmãos. Faze com que freqüentemente desejes acolher a memória de teu irmão, que o elogies nas conversas quotidianas e evoques a ti pela recordação contínua, o que poderás seguramente conseguir se te fizeres a lembrança dele mais agradável do que aflitiva; na verdade, é natural que o espírito sempre se furte àquilo para que retorna com tristeza. Pensa na temperança dele, pensa na sua destreza ao fazer as coisas, no empenho em prosseguir-las, na firmeza das promessas. Conta aos outros todos os ditos e feitos dele e recorda-os a ti mesmo, pensa em qual foi e em como se teria podido esperar: o que, de fato, não poderia ser afiançado com certeza a respeito daquele irmão?

Isso, como quer que tenha podido, compus com o espírito já desusado e embotado pela longa inação. Se parecer pouco à altura de teu engenho ou pouco remediar tua dor, pensa em quanto não poderia dar-se à consolação alheia aquele cujos males mantêm ocupado, e em quanto não ocorrem facilmente palavras latinas a um homem a quem envolve o vozerio grosseiro dos bárbaros, bruto mesmo para os bárbaros um tanto humanos.

## **Ad Polybium de consolatione**

I - [...] nostrae compares, firma sunt; si redigas ad condicionem naturae omnia destruentis et unde edidit eodem revocantis, caduca sunt. Quid enim immortale manus mortales fecerunt? Septem illa miracula et, si qua his multo mirabiliora sequentium annorum extruxit ambitio, aliquando solo aequata visentur. Ita est: nihil perpetuum, pauca diuturna sunt; aliud alio modo fragile est, rerum exitus variantur, ceterum quicquid coepit et desinit. Mundo quidam minantur interitum et huc universum, quod omnia divina humanaque complectitur, si fas putas credere, dies aliquis dissipabit et in confusionem veterem tenebrasque demerget: eat nunc aliquis et singulas compleret animas; Carthaginis ac Numantiae Corinthique cinerem et, si quid aliud altius cecidit, lamentetur, cum etiam hoc quod non habet quo cadat sit interiturum; eat aliquis et fata tantum aliquando nefas ausura sibi non pepercisse conqueratur. Quis tam superbae impotentisque adrogantiae est, ut in hac naturae necessitate omnia ad eundem finem revocantis se unum ac suos seponi velit ruinaeque etiam ipsi mundo imminente aliquam domum subtrahat? Maximum ergo solacium est cogitare id sibi accidisse quod omnes ante se passi sunt omnesque passuri; et ideo mihi videtur rerum natura quod gravissimum fecerat commune fecisse, ut crudelitatem fati consolaretur aequalitas.

II - Illud quoque te non minimum adiuverit, si cogitaveris nihil profuturum dolorem tuum nec illi quem desideras nec tibi; noles enim longum esse quod inritum est. Nam, si quicquam tristitia profecturi sumus, non recuso quicquid lacrimarum Fortunae meae superfuit tuae fundere; inveniam etiam nunc per hos exhaustos iam fletibus domesticis oculos quod effluat, si modo id tibi futurum bono est. Quid cessas? Conqueramur, atque adeo ipse hanc litem meam faciam: "Iniquissima omnium iudicio Fortuna, adhuc videbaris eum hominem continuo fouisse, qui munere tuo tantam venerationem receperat, ut, quod raro ulli contigit, felicitas

eius effugeret invidiam: ecce eum dolorem illi, quem salvo Caesare accipere maximum poterat, impressisti, et, cum bene illum undique circummissis, intellexisti hac parte tantummodo patere ictibus tuis. Quid enim illi aliud faceres? Pecuniam eriperes? Numquam illi obnoxius fuit; nunc quoque, quantum potest, illam a se abigit et in tanta facilitate acquirendi nullum maiorem ex ea fructum quam contemptum eius petit. Eriperes illi amicos? Sciebas tam amabilem esse ut facile in locum amissorum posset alios substituere; unum enim hunc ex eis quos in principali domo potentes vidi cognovisse videor, quem omnibus amicis habere cum expediat, magis tamen etiam libet. Eriperes illi bonam opinionem? Solidior est haec apud eum, quam ut a te quoque ipsa concuti possit. Eriperes bonam valetudinem? Sciebas animum eius liberalibus disciplinis, quibus non innutritus tantum, sed innatus est, sic esse fundatum ut supra omnes corporis dolores emereret. Eriperes spiritum? Quantulum nocuisses! Longissimum illi ingenii aevum fama promisit; id egit ipse, ut meliore sui parte duraret et compositis eloquentiae praeclaris operibus a mortalitate se vindicaret. Quamdiu fuerit ullus litteris honor, quamdiu steterit aut Latinae linguae potentia aut Graecae gratia, vigeat cum maximis viris quorum se ingeniis vel contulit vel, si hoc verecundia eius recusat, adplicuit. Hoc ergo unum excogitasti, quomodo maxime illi posses nocere; quo melior est enim quisque, hoc saepius ferre te consuevit sine ullo dilectu furentem et inter ipsa beneficia metuendam. Quantulum erat tibi immunem ab hac iniuria praestare eum hominem, in quem videbatur indulgentia tua ratione certa pervenisse et non ex tuo more temere incidisse!”

III - Adiciamus, si vis, ad has querellas ipsius adolescentis interceptam inter prima incrementa indolem: dignus fuit ille te fratre. Tu certe eras dignissimus qui ne ex indigno quidem quicquam doleres fratre: redditur illi testimonium aequale omnium hominum; desideratur in tuum honorem, laudatur in suum. Nihil in illo fuit quod non libenter agnosceres. Tu quidem etiam minus bono fratri fuisses bonus, sed in illo

pietas tua idoneam nacta materiam multo se liberius exercuit. Nemo potentiam eius iniuria sensit, numquam ille te fratrem ulli minatus est; ad exemplum se modestiae tuae formaverat cogitabatque quantum tu et ornamentum tuorum esses et onus: suffecit ille huic sarcinae. O dura fata et nullis aequa virtutibus! Antequam felicitatem suam nosset frater tuus, exemptus est. Parum autem me indignari scio; nihil est enim difficilius quam magno dolori paria verba reperire. Iam nunc tamen, si quid proficere possumus, conqueramur: “Quid tibi voluisti, tam iniusta et tam violenta Fortuna? Tam cito te indulgentiae tuae paenituit? Quae ista crudelitas est, in medios fratres impetum facere et tam cruenta rapina concordissimam turbam imminuere? Tam bene stipatam optimorum adolescentium domum, in nullo fratre degenerantem, turbare et sine ulla causa delibare voluisti! Nihil ergo prodest innocentia ad omnem legem exacta, nihil antiqua frugalitas, nihil felicitatis summae potentia summa conservata abstinencia, nihil sincerus et rectus litterarum amor, nihil ab omni labe mens vacans? Luget Polybius, et, in uno fratre quid de reliquis possit metuere admonitus, etiam de ipsis doloris sui solaciis timet! Facinus indignum! Luget Polybius et aliquid propitio dolet Caesare! Hoc sine dubio, impotens Fortuna, captasti, ut ostenderes neminem contra te ne a Caesare quidem posse defendi.”

IV - Diutius accusare fata possumus, mutare non possumus: stant dura et inexorabilia; nemo illa convicio, nemo fletu, nemo causa movet; nihil umquam ulli parcunt nec remittunt. Proinde parcamus lacrimis nihil proficientibus; facilius enim nos illis dolor iste adiciet quam illos nobis reducet. Qui, si nos torquet, non adiuvat, primo quoque tempore deponendus est et ab inanibus solaciis atque amara quadam libidine dolendi animus recipiendus est. Nam lacrimis nostris nisi ratio finem fecerit, Fortuna non faciet. Omnis aegidum mortales circumspice, larga ubique flendi et adsidua materia est: alium ad cotidianum opus laboriosa egestas vocat, alium ambitio numquam quietata sollicitat, alius divitias quas optaverat metuit



et voto laborat suo, alium solitudo, alium labor torquet, alium semper vestibulum obsidens turba; hic habere se dolet liberos, hic perdidisse: lacrimae nobis deerunt antequam causae dolendi. Non vides qualem nobis vitam rerum natura promiserit, quae primum nascentium hominum fletum esse voluit? Hoc principio edimur, huic omnis sequentium annorum ordo consentit. Sic vitam agimus, ideoque moderate id fieri debet a nobis quod saepe faciendum est, et, respicientes quantum a tergo rerum tristium immineat, si non finire lacrimas, at certe reservare debemus. Nulli parcendum est rei magis quam huic, cuius tam frequens usus est.

V - Illud quoque te non minimum adiuverit, si cogitaveris nulli minus gratum esse dolorem tuum quam ei cui praestari videtur: torqueri ille te aut non vult aut non intellegit. Nulla itaque eius officii ratio est, quod ei, cui praestatur, si nihil sentit, supervacuum est, si sentit, ingratum est. Neminem esse toto orbe terrarum qui delectetur lacrimis tuis audacter dixerim. Quid ergo? Quem nemo adversus te animum gerit, eum esse tu credis fratris tui, ut cruciatu tui noceat tibi, ut te velit abducere ab occupationibus tuis, id est a studio et a Caesare? Non est hoc simile veri. Ille enim indulgentiam tibi tamquam fratri praestitit, venerationem tamquam parenti, cultum tamquam superiori; ille enim indulgentiam tibi esse vult, tormento esse non vult. Quid itaque iuvat dolori intabescere, quem, si quis defunctis sensus est, finiri frater tuus cupit? De alio fratre, cuius incerta posset voluntas videri, omnia haec in dubio ponerem et dicerem: "Sive te torqueri lacrimis numquam desinentibus frater tuus cupit, indignus hoc affectu tuo est; sive non vult, utrique vestrum inhaerentem dolorem dimitte; nec impius frater sic desiderari debet nec pius sic velit." In hoc vero, cuius tam explorata pietas est, pro certo habendum est nihil esse illi posse acerbius quam si tibi hic casus eius acerbus est, si te ullo modo torquet, si oculos tuos, indignissimos hoc malo, sine ullo flendi fine et conturbat idem et exhaurit. Pietatem tamen tuam nihil aequae a lacrimis tam inutilibus abducat, quam si cogitaveris fratribus te tuis

exemplo esse debere fortiter hanc Fortunae iniuriam sustinendi. Quod duces magni faciunt rebus adfectis, ut hilaritatem de industria simulent et adversas res adumbrata laetitia abscondant, ne militum animi, si fractam ducis sui mentem viderint, et ipsi conlabantur, id nunc tibi quoque faciendum est: indue dissimilem animo tuo vultum et, si potes, proice omnem ex toto dolorem, si minus, introrsus abde et contine, ne appareat, et da operam ut fratres tui te imitentur, qui honestum putabunt quodcumque te facientem viderint, animumque ex vultu tuo sument. Et solacium debes esse illorum et consolator; non poteris autem horum maerori obstare, si tuo indulseris.

VI - Potest et illa res a luctu te prohibere nimio, si tibi ipse renuntiaveris nihil horum quae facis posse subduci. Magnam tibi personam hominum consensus imposuit: haec tibi tuenda est. Circumstat te omnis ista consolantium frequentia, et in animum tuum inquit ac perspicit quantum roboris ille adversus dolorem habeat et utrumne tu tantum rebus secundis uti dextere scias, an et adversas possis viriliter ferre: observantur oculi tui. Liberiora sunt omnia eis quorum adfectus tegi possunt; tibi nullum secretum liberum est. In multa luce Fortuna te posuit; omnes scient quomodo te in isto tuo gesseris vulnere, utrumne statim percussus arma summiseris an in gradu steteris. Olim te in altiore ordinem et amor Caesaris extulit et tua studia eduxerunt. Nihil te plebeium decet, nihil humile. Quid autem tam humile ac muliebre est quam consumendum se dolori committere? Non idem tibi in luctu pari quod tuis fratribus licet; multa tibi non permittit opinio de studiis ac moribus tuis recepta, multum a te homines exigunt, multum expectant. Si volebas tibi omnia licere, non convertisses in te ora omnium: nunc tantum tibi praestandum est, quantum promisisti. Omnes illi qui opera ingenii tui laudant, qui describunt, quibus, cum Fortuna tua opus non sit, ingenio opus est, custodes animi tui sunt. Nihil umquam ita potes indignum facere perfecti et eruditi viri professione, ut non multos admirationis de te suae paeniteat.

Non licet tibi flere immodice, nec hoc tantummodo non licet: ne somnum quidem extendere in partem diei licet, aut a tumultu rerum in otium ruris quieti confugere aut adsidua laboriosi officii statione fatigatum corpus voluptaria peregrinatione recreare, aut spectaculorum varietate animum detinere, aut ex tuo arbitrio diem disponere. Multa tibi non licent, quae humillimis et in angulo iacentibus licent: magna servitus est magna Fortuna. Non licet tibi quicquam arbitrio tuo facere: audienda sunt tot hominum milia, tot disponendi libelli; tantus rerum ex orbe toto coeuntium congestus, ut possit per ordinem suum principis maximi animo subici, extricandus est. Non licet tibi, inquam, flere: ut multos flentes audire possis, ut periclitantium et ad misericordiam mitissimi Caesaris pervenire cupientium lacrimae tibi sint curae, tuae adsiccandae sunt.

VII - Haec tamen etiamnunc levioribus te remediis adiuvabunt; cum voles omnium rerum oblivisci, Caesarem cogita. Vide quantam huius in te indulgentiae fidem, quantam industriam debeas: intelleges non magis tibi incurvari licere quam illi, si quis modo est fabulis creditus, cuius umeris mundus innititur. Caesari quoque ipsi, cui omnia licent, propter hoc ipsum multa non licent: omnium somnos illius vigilia defendit, omnium otium illius labor, omnium delicias illius industria, omnium vacationem illius occupatio. Ex quo se Caesar orbi terrarum dedicavit, sibi eripuit, et, siderum modo, quae inrequieta semper cursus suos explicant, numquam illi licet subsistere nec quicquam suum facere. Ad quendam itaque modum tibi quoque eadem necessitas iniungitur: non licet tibi ad utilitates tuas, ad studia tua respicere. Caesare orbem terrarum possidente, impertire te nec voluptati nec dolori nec ulli alii rei potes: totum te Caesari debes. Adice nunc quod, cum semper praedices cariorem tibi spiritu tuo Caesarem esse, fas tibi non est salvo Caesare de Fortuna queri: hoc incolumi salvi tibi sunt tui, nihil perdidisti, non tantum siccos oculos tuos esse sed etiam laetos oportet; in hoc tibi omnia sunt, hic pro omnibus est. Quod longe a sensibus tuis prudentissimis

piissimisque abest, adversus felicitatem tuam parum gratus es, si tibi quicquam hoc salvo flere permittis.

VIII - Monstrabo etiamnunc non quidem firmiter remedium, sed familiariter. Si quando te domum receperis, tunc erit tibi metuenda tristitia: nam, quamdiu numen tuum intueberis, nullum illa ad te inveniet accessum, omnia in te Caesar tenebit; cum ab illo discesseris, tunc, velut occasione data, insidiabitur solitudini tuae dolor et requiescenti animo tuo paulatim inrepet. Itaque non est quod ullum tempus vacare patiaris a studiis: tunc tibi litterae tuae, tam diu ac tam fideliter amatae, gratiam referant; tunc te illae antistitem et cultorem suum vindicent; tunc Homerus et Vergilius, tam bene de humano genere meriti, quam tu et de illis et de omnibus meruisti, quos pluribus notos esse voluisti quam scripserant, multum tecum morentur; tutum id erit omne tempus, quod illis tuendum commiseris; tunc Caesaris tui opera, ut per omnia saecula domestico narrentur praeconio, quantum potes, compone: nam ipse tibi optime formandi condendique res gestas et materiam dabit et exemplum. Non audeo te eo usque producere ut fabellas quoque et aesopeos logos, intentatum Romanis ingeniis opus, solita tibi venustate connectas. Difficile est quidem, ut ad haec hilariora studia tam vehementer percussus animus tam cito possit accedere: hoc tamen argumentum habeto iam conroborati eius et redditi sibi, si poterit a severioribus scriptis ad haec solutiora procedere. In illis enim quamvis aegrum eum adhuc et secum reluctantem avocabit ipsa rerum quas tractabit austeritas; haec quae remissa fronte commentanda sunt non feret, nisi cum iam sibi ab omni parte constiterit. Itaque debebis eum severiore materia primum exercere, deinde hilariore temperare.

IX - Illud quoque magno tibi erit levamento, si saepe te sic interrogaveris: "Vtrumne meo nomine doleo an eius qui decessit? Si meo, perit indulgentiae iactatio et incipit dolor, hoc uno excusatus quod honestus est, cum ad utilitatem respicit, a pietate desciscere; nihil autem minus bono viro

convenit quam in fratris luctu calculos ponere. Si illius nomine doleo, necesse est alterutrum ex his duobus esse iudicem: nam, si nullus defunctis sensus superest, evasit omnia frater meus vitae incommoda et in eum restitutus est locum in quo fuerat antequam nasceretur, et, expers omnis mali, nihil timet, nihil cupit, nihil patitur: quis iste furor est pro eo me numquam dolere desinere, qui numquam doliturus est? Si est aliquis defunctis sensus, nunc animus fratris mei, velut ex diutino carcere emissus, tandem sui iuris et arbitrii, gestit et rerum naturae spectaculo fruitur et humana omnia ex loco superiore despicit, divina vero, quorum rationem tam diu frustra quaesierat, propius intuetur. Quid itaque eius desiderio maceror, qui aut beatus aut nullus est? Beatum deflere invidia est, nullum dementia." An hoc te movet, quod videtur ingentibus et cum maxime circumfuis bonis caruisse? Cum cogitaveris multa esse quae perdidit, cogita plura esse quae non timet: non ira eum torquebit, non morbus adfliget, non suspicio lacesset, non edax et inimica semper alienis processibus invidia consectabitur, non metus sollicitabit, non levitas Fortunae cito munera sua transferentis inquietabit. Si bene computes, plus illi remissum quam ereptum est. Non opibus fruatur, non tua simul ac sua gratia; non accipiet beneficia, non dabit: miserum putas, quod ista amisit, an beatum, quod non desiderat? Mihi crede, is beatior est cui Fortuna supervacua est, quam is cui parata est. Omnia ista bona quae nos speciosa sed fallaci voluptate delectant, pecunia, dignitas, potentia aliaque complura, ad quae generis humani caeca cupiditas obstupescit, cum labore possidentur, cum invidia conspiciuntur, eos denique ipsos quos exornant et premunt; plus minantur quam prosunt; lubrica et incerta sunt, numquam bene tenentur; nam, ut nihil de tempore futuro timeatur, ipsa tamen magnae felicitatis tutela sollicita est. Si velis credere altius veritatem intuentibus, omnis vita supplicium est: in hoc profundum inquietumque proiecti mare, alternis aestibus reciprocum et modo allevans nos subitis incrementis, modo maioribus damnis deferens adsidueque

iactans, numquam stabili consistimus loco, pendemus et fluctuamur, et alter in alterum illidimur, et aliquando naufragium facimus, semper timemus; in hoc tam procelloso et ad omnes tempestates exposito mari navigantibus nullus portus nisi mortis est. Ne itaque invideris fratri tuo: quiescit. Tandem liber, tandem tutus, tandem aeternus est. Superstitem Caesarem omnemque eius prolem, superstitem te cum communibus habet fratribus. Antequam quicquam ex suo favore Fortuna mutaret, stantem adhuc illam et munera plena manu congerentem reliquit. Fruitur nunc aperto et libero caelo, ex humili atque depresso in eum emicuit locum, quisquis ille est, qui solutas vinculis animas beato recipit sinu, et nunc libere illic vagatur omniaque rerum naturae bona cum summa voluptate perspicit. Erras: non perdidit lucem frater tuus, sed puriorem sortitus est. Omnibus illo nobis commune est iter: quid fata deflemus? Non reliquit ille nos, sed antecessit. Est, mihi crede, magna felicitas in ipsa felicitate moriendi. Nihil ne in totum quidem diem certi est: quis in tam obscura et involuta veritate divinatur utrumne fratri tuo mors inviderit an consuluerit?

X - Illud quoque, qua iustitia in omnibus rebus es, necesse est te adjuvet cogitantem non iniuriam tibi factam, quod talem fratrem amisisti, sed beneficium datum, quod tam diu tibi pietate eius uti fruique licuit. Iniquus est qui muneris sui arbitrium danti non relinquit, avidus qui non lucri loco habet quod accepit, sed damni quod reddidit. Ingratus est qui iniuriam vocat finem voluptatis, stultus qui nullum fructum esse putat bonorum nisi praesentium, qui non et in praeteritis adquiescit et ea iudicat certiora quae abierunt, quia de illis ne desinant non est timendum. Nimis angustat gaudia sua qui eis tantummodo quae habet ac videt frui se putat et habuisse eadem pro nihilo ducit; cito enim nos omnis voluptas relinquit, quae fluit et transit et paene antequam veniat aufertur. Itaque in praeteritum tempus animus mittendus est et quicquid nos umquam delectavit reducendum ac frequenti cogitatione pertractandum est: longior fideliorque est

memoria voluptatum quam praesentia. Quod habuisti ergo optimum fratrem in summis bonis pone. Non est quod cogites quanto diutius habere potueris, sed quamdiu habueris. Rerum natura illum tibi, sicut ceteris fratribus fratres suos, non mancipio dedit, sed commodavit; cum visum est, deinde repetiit, nec tuam in eo satietatem secuta est, sed suam legem. Si quis pecuniam creditam solvisse se moleste ferat, eam praesertim cuius usum gratuitum acceperit, nonne iniustus vir habeatur? Dedit natura fratri tuo vitam, dedit et tibi: quae, suo iure usa, si a quo voluit debitum suum citius exegit, non illa in culpa est, cuius nota erat condicio, sed mortalis animi spes avida, quae subinde quid rerum natura sit obliviscitur nec umquam sortis suae meminit, nisi cum admonetur. Gaude itaque habuisse te tam bonum fratrem et usum fructumque eius, quamvis brevior voto tuo fuerit, boni consule. Cogita iucundissimum esse quod habuisti, humanum quod perdidisti: nec enim quicquam minus inter se consentaneum est quam aliquem moveri quod sibi talis frater parum diu contigerit, non gaudere quod tamen contigerit.

XI - "At inopinanti ereptus est." Sua quemque credulitas decipit et in eis quae diligit voluntaria mortalitatis oblivio: natura nulli se necessitatis suae gratiam facturam esse testata est. Cotidie praeter oculos nostros transeunt notorum ignotorumque funera, nos tamen aliud agimus, et subitum id putamus esse quod nobis tota vita denuntiatur futurum. Non est itaque ista factorum iniquitas, sed mentis humanae pravitas insatiabilis rerum omnium, quae indignatur inde excidere quo admissa est precario. Quanto ille iustior, qui, nuntiata filii morte, dignam magno viro vocem emisit: "Ego cum genui, tum moriturum scivi." Prorsus non mireris ex hoc natum esse qui fortiter mori posset. Non accepit tamquam novum nuntium filii mortem; quid enim est novi hominem mori, cuius tota vita nihil aliud quam ad mortem iter est? "Ego cum genui, tum moriturum scivi." Deinde adiecit rem maioris et prudentiae et animi: "Et huic rei sustuli." Omnes huic rei tollimur; quisquis ad vitam editur, ad mortem destinatur.

Gaudeamus eo quod dabitur, reddamusque id cum reposcemur: alium alio tempore fata comprehendent, neminem praeteribunt. In procinctu stet animus, et id quod necesse est numquam timeat, quod incertum est semper expectet. Quid dicam duces ducumque progeniem et multis aut consulatibus conspicuos aut triumphis sorte defunctos inexorabili? Tota cum regibus regna populique cum gentibus tulere fatum suum: omnes, immo omnia in ultimum diem spectant. Non idem universis finis est: alium in medio cursu vita deserit, alium in ipso aditu relinquit, alium in extrema senectute fatigatum iam et exire cupientem vix emittit; alio quidem atque alio tempore, omnes tamen in eundem locum tendimus; utrumne stultius sit nescio mortalitatis legem ignorare an impudentius recusare. Agedum illa quae multo ingenii tui labore celebrata sunt in manus sume utriuslibet auctoris carmina, quae tu ita resolvisti ut, quamvis structura illorum recesserit, permaneat tamen gratia — sic enim illa ex alia lingua in aliam transtulisti, ut, quod difficillimum erat, omnes virtutes in alienam te orationem secutae sint: nullus erit in illis scriptis liber, qui non plurima varietatis humanae incertorumque casuum et lacrimarum ex alia atque alia causa fluentium exempla tibi suggerat. Lege quanto spiritu ingentibus intonueris verbis: pudebit te subito deficere et ex tanta orationis magnitudine desciscere. Ne commiseris ut quisquis exempto modo scripta tua mirabitur quaerat quomodo tam grandia tamque solida tam fragilis animus conceperit.

XII - Potius ab istis te, quae torquent, ad haec tot et tanta quae consolantur converte, ac respice optimos fratres, respice uxorem, filium respice: pro omnium horum salute hac tecum portione Fortuna decidit. Multos habes, in quibus adquiescas. Ab hac te infamia vindica, ne videatur omnibus plus apud te valere unus dolor quam haec tam multa solacia. Omnis istos una tecum percussos vides nec posse tibi subvenire, immo etiam ultro expectare ut a te sublevantur, intellegis; et ideo, quanto minus in illis doctrinae minusque ingenii est, tanto

magis obsistere te necesse est communi malo. Est autem hoc ipsum solacii loco, inter multos dolorem suum dividere: qui, quia dispensatur inter plures, exigua debet apud te parte subsidere. Non desinam totiens tibi offerre Caesarem: illo moderante terras et ostendente quanto melius beneficiis imperium custodiatur quam armis, illo rebus humanis praesidente, non est periculum ne quid perdisse te sentias; in hoc uno tibi satis praesidii, solacii est. Attolle te et, quotiens lacrimae suboriuntur oculis tuis, totiens illos in Caesarem dirige: siccabuntur maximi et clarissimi conspectu numinis; fulgor eius illos, ut nihil aliud possint aspicere, praestringet et in se haerentes detinebit. Hic tibi, quem tu diebus intueris ac noctibus, a quo numquam deicis animum, cogitandus est, hic contra Fortunam advocandus. Nec dubito, cum tanta illi adversus omnes suos sit mansuetudo tantaque indulgentia, quin iam multis solaciis tuum istud vulnus obduxerit, iam multa quae dolori obstarent tuo congesserit. Quid porro? Vt nihil horum fecerit, nonne protinus ipse conspectus per se tantummodo cogitatusque Caesar maximo solacio tibi est? Dii illum deaeque terris diu commodent! Acta hic Divi Augusti aequet, annos vincat! Quamdiu inter mortales erit, nihil ex domo sua mortale esse sentiat! Rectorem Romano imperio filium longa fide adprobet et ante illum consortem patris quam successorem assumat! Sera et nepotibus demum nostris dies nota sit, qua illum gens sua caelo adserat!

XIII - Abstine ab hoc manus tuas, Fortuna, nec in isto potentiam tuam nisi ea parte qua prodes ostenderis! Patere illum generi humano iam diu aegro et adfecto mederi, patere quicquid prioris principis furor concussit in suum locum restituere ac reponere! Sidus hoc, quod praecipitato in profundum et demerso in tenebras orbi refulsit, semper luceat! Hic Germaniam pacet, Britanniam aperiat, et patrios triumphos ducat et novos: quorum me quoque spectatorem futurum, quae ex virtutibus eius primum optinet locum, promittit clementia. Nec enim sic me deiecit, ut nollet erigere,

immo ne deiecit quidem, sed impulsus a Fortuna et cadentem sustinuit, et in praiceps euntem leniter divinae manus usus moderatione deposuit: deprecatus est pro me senatum et vitam mihi non tantum dedit, sed etiam petit. Viderit: qualem volet esse, existimet causam meam; vel iustitia eius bonam perspiciat, vel clementia faciat bonam: utrumque in aequo mihi eius beneficium erit, sive innocentem me scierit esse, sive voluerit. Interim magnum miseriarum mearum solacium est videre misericordiam eius totum orbem pervagantem: quae cum ex ipso angulo quo ego defixus sum complures multorum iam annorum ruina obrutos effoderit et in lucem reduxerit, non vereor ne me unum transeat. Ipse autem optime novit tempus quo cuique debeat succurrere; ego omnem operam dabo, ne pervenire ad me erubescat. O felicem clementiam tuam, Caesar, quae efficit ut quietiorem sub te agant vitam exsules quam nuper sub Gaio egere principes! Non trepidant, nec per singulas horas gladium exspectant, nec ad omnem navium conspectum pavent; per te habent, ut Fortunae saevientis modum, ita spem quoque melioris eiusdem ac praesentis quietem. Scias licet ea demum fulmina esse iustissima, quae etiam percussi colunt.

XIV - Hic itaque princeps, qui publicum omnium hominum solacium est, aut me omnia fallunt aut iam recreavit animum tuum et tam magno vulneri maiora adhibuit remedia. Iam te omni confirmavit modo, iam omnia exempla, quibus ad animi aequitatem compellereris tenacissima memoria rettulit, iam omnium praecepta sapientum adsueta sibi facundia explicuit. Nullus itaque melius has adloquendi partes occupaverit: aliud habebunt, hoc dicente, pondus verba velut ab oraculo missa; omnem vim doloris tui divina eius contundet auctoritas. Hunc itaque tibi puta dicere: "Non te solum Fortuna desumpsit sibi, quem tam gravi afficeret iniuria; nulla domus in toto orbe terrarum aut est aut fuit sine aliqua comploratione. Transibo exempla vulgaria, quae, etiam si minora, tamen mira sunt, ad fastus te et annales perducam publicos. Vides omnes has imagines, quae implevere Caesarum atrium? Nulla non harum

aliquo suorum incommodo insignis est; nemo non ex istis in ornamentum saeculorum refulgentibus viris aut desiderio suorum tortus est aut a suis cum maximo animi cruciatu desideratus est. Quid tibi referam Scipionem Africanum, cui mors fratris in exilio nuntiata est? Is frater, qui eripuit fratrem carceri, non potuit eripere fato; et quam impatiens iuris et aequi pietas Africani fuerit, cunctis apparuit: eodem enim die Scipio Africanus, quo viatoris manibus fratrem abstulerat, tribuno quoque plebis privatus intercessit. Tam magno tamen fratrem desideravit hic animo, quam defenderat. Quid referam Aemilianum Scipionem, qui uno paene eodemque tempore spectavit patris triumphum duorumque fratrum funera? Adulescentulus tamen ac propemodum puer tanto animo tulit illam familiae suae super ipsum Pauli triumphum concidentis subitam vastitatem, quanto debuit ferre vir in hoc natus, ne urbi Romanae aut Scipio deesset aut Carthago superesset.

XV - Quid referam duorum Lucullorum diremptam morte concordiam? Quid Pompeios, quibus ne hoc quidem saeviens reliquit Fortuna, ut una eademque conciderent ruina? Vixit Sextus Pompeius primum sorori superstes, cuius morte optime cohaerentis Romanae pacis vincula resoluta sunt, idemque hic vixit superstes optimo fratri, quem Fortuna in hoc evexerat, ne minus alte eum deiceret quam patrem deiecerat; et post hunc tamen casum Sextus Pompeius non tantum dolori, sed etiam bello suffecit. Innumerabilia undique exempla separatorum morte fratrum succurrunt, immo contra vix ulla umquam horum paria conspecta sunt una senescentia; sed contentus nostrae domus exemplis ero. Nemo enim tam expers erit sensus ac sanitatis, ut Fortunam ulli queratur luctum intulisse, quam sciet etiam Caesarum lacrimas concupisse. Divus Augustus amisit Octaviam sororem carissimam, et ne ei quidem rerum natura lugendi necessitatem abstulit, cui caelum destinaverat. Immo vero, idem omni genere orbitatis vexatus, sororis filium successioni praeparatum suae perdidit; denique, ne singulos eius luctus

enumerem, et generos ille amisit et liberos et nepotes, ac nemo magis ex omnibus mortalibus hominem esse se, dum inter homines erat, sensit. Tamen tot tantosque luctus cepit rerum omnium capacissimum eius pectus, victorque Divus Augustus non gentium tantummodo externarum, sed etiam dolorum fuit. Gaius Caesar, divi Augusti, avunculi mei magni, nepos, circa primos iuventae suae annos Lucium fratrem carissimum sibi, princeps iuventutis principem eiusdem iuventutis, amisit in apparatu Parthici belli, et graviore multo animi vulnere quam postea corporis ictus est; quod utrumque et piissime idem et fortissime tulit. Ti. Caesar patruus meus Drusum Germanicum patrem meum, minorem natu quam ipse erat fratrem, intima Germaniae recludentem et gentes ferocissimas Romano subicientem imperio, in complexu et in osculis suis amisit: modum tamen lugendi non sibi tantum, sed etiam aliis fecit, ac totum exercitum non solum maestum, sed etiam attonitum, corpus Drusi sui sibi vindicantem, ad morem Romani luctus redegit, iudicavitque non militandi tantum disciplinam esse servandam, sed etiam dolendi. Non potuisset ille lacrimas alienas compescere, nisi prius pressisset suas.

XVI - M. Antonius avus meus, nullo minor nisi eo a quo victus est, tunc cum rem publicam constitueret et triumvirali potestate praeditus, nihil supra se videret, exceptis vero duobus collegis omnia infra se cerneret, fratrem interfectum audivit. Fortuna impotens, quales ex humanis malis tibi ipsa ludos facis! Eo ipso tempore quo M. Antonius civium suorum vitae sedebat mortisque arbiter, M. Antonii frater duci iubebatur ad supplicium! Tulit hoc tamen tam triste vulnus eadem magnitudine animi M. Antonius qua omnia alia adversa toleraverat, et hoc fuit eius lugere: viginti legionum sanguine fratri parentare. Sed, ut omnia alia exempla praeteream, ut in me quoque ipso alia taceam funera, bis me fraterno luctu aggressa Fortuna est, bis intellexit laedi me posse, vinci non posse: amisi Germanicum fratrem, quem quomodo amaverim intellegit profecto quisquis cogitat quomodo suos fratres pii

fratres ament; sic tamen affectum meum rexi, ut nec relinquerem quicquam quod exigi deberet a bono fratre, nec facerem quod reprehendi posset in principe.”

Haec ergo puta tibi parentem publicum referre exempla, eundem ostendere quam nihil sacrum intactumque sit Fortunae, quae ex eis penatibus ausa est funera ducere, ex quibus erat deos petitura. Nemo itaque miretur aliquid ab illa aut crudeliter fieri aut inique: potest enim haec adversus privatas domos ullam aequitatem nosse aut ullam modestiam, cuius implacabilis saevitia totiens ipsa funestavit pulvinaria? Faciamus licet illi convicium, non nostro tantum ore, sed etiam publico, non tamen mutabitur; adversus omnis se preces omnisque querimonias eriget. Haec fuit in rebus humanis Fortuna, haec erit: nihil inausum sibi reliquit, nihil intactum relinquet; ibit violentior per omnia, sicut solita est semper, eas quoque domos ausa iniuriae causa intrare in quas per templa aditur, et atram laureatis foribus induet vestem. Hoc unum obtineamus ab illa votis ac precibus publicis, si nondum illi genus humanum placuit consumere, si Romanum adhuc nomen propitia respicit: hunc principem lapsis hominum rebus datum, sicut omnibus mortalibus, sibi esse sacratum velit! Discat ab illo clementiam fiatque mitissimo omnium principum mitis!

XVII - Debes itaque eos intueri omnes, quos paulo ante rettuli, aut adscitos caelo aut proximos, et ferre aequo animo Fortunam ad te quoque porrigentem manus, quas ne ab eis quidem, per quos iuramus, abstinet; debes illorum imitari firmitatem in perferendis et evincendis doloribus, in quantum modo homini fas est per divina ire vestigia. Quamvis in aliis rebus dignitatum ac nobilitatum magna sint discrimina, virtus in medio posita est: neminem dedignatur, qui modo dignum se illa iudicat. Optime certe illos imitaberis, qui, cum indignari possent non esse ipsos exsortes huius mali, tamen in hoc uno se ceteris exaequari hominibus non iniuriam, sed ius mortalitatis iudicaverunt, tuleruntque nec nimis acerbe et aspere quod acciderat, nec molliter et effeminate; nam et non

sentire mala sua non est hominis, et non ferre non est viri.

Non possum tamen, cum omnes circumierim Caesares quibus Fortuna fratres sororesque eripuit, hunc praeterire, ex omni Caesarum numero excerpendum, quem rerum natura in exitium opprobriumque humani generis edidit, a quo imperium exustum atque eversum funditus principis mitissimi recreat clementia. G. Caesar, amissa sorore Drusilla, is homo, qui non magis dolere quam gaudere principaliter posset, conspectum conversationemque civium suorum profugit, exsequiis sororis suae non interfuit, iusta sorori non praestitit, sed in Albano suo tesseris ac foro [et pervocatis] et huiusmodi aliis occupationibus acerbissimi funeris elevabat mala. Pro pudor imperii! Principis Romani lugentis sororem alea solacium fuit! Idem ille Gaius furiosa inconstantia modo barbam capillumque summittens, modo Italiae ac Siciliae oras errabundus permetiens et numquam satis certus, utrum lugeri vellet an coli sororem, eodem omni tempore quo templa illi constituebat ac pulvinaria, eos qui parum maesti fuerant crudelissima afficiebat animadversione; eadem enim intemperie animi adversarum rerum ictus ferebat, qua, secundarum elatus eventu, super humanum intumescebat modum. Procul istud exemplum ab omni Romano sit viro, luctum suum aut intempestivis avocare lusibus, aut sordium ac squaloris foeditate inritare, aut alienis malis oblectare minime humano solacio.

XVIII - Tibi vero nihil ex consuetudine mutandum est tua, quoniam quidem ea instituisti amare studia quae et optime felicitatem extollunt et facillime minuunt calamitatem, eademque et ornamenta maxima homini sunt et solacia. Nunc itaque te studiis tuis immerge acrius, nunc illa tibi velut munimenta animi circumda, ne ex ulla tui parte inveniat introitum dolor. Fratris quoque tui produc memoriam aliquo scriptorum monumento tuorum; hoc enim unum est e rebus humanis opus cui nulla tempestas noceat, quod nulla consumat vetustas. Cetera, quae per constructionem lapidum et marmoreas moles aut terrenos tumulos in magnam eductos

altitudinem constant, non propagant longam diem, quippe et ipsa intereunt: immortalis est ingenii memoria. Hanc tu fratri tuo largire, in hac eum conloca; melius duraturo semper consecrabis ingenio quam inrito dolore lugebis. Quod ad ipsam Fortunam pertinet, etiam si nunc agi apud te causa eius non potest — omnia enim illa quae nobis dedit ob hoc ipsum quod aliquid eripuit invisae sunt —, tunc tamen erit agenda, cum primum aequiorem te illi iudicem dies fecerit; tunc enim poteris in gratiam cum illa redire. Nam multa providit quibus hanc emendaret iniuriam, multa etiam nunc dabit quibus redimat; denique ipsum hoc quod abstulit ipsa dederat tibi. Noli ergo contra te ingenio uti tuo, noli adesse dolori tuo. Potest quidem eloquentia tua quae parva sunt adprobare pro magnis, rursus magna attenuare et ad minima deducere; sed alio istas vires servet suas, nunc tota se in solacium tuum conferat. Et tamen dispice ne hoc iam quoque ipsum sit supervacuum: aliquid enim a nobis natura exigit, plus vanitate contrahitur. Numquam autem ego a te ne ex toto maereas exigam. Et scio inveniri quosdam durae magis quam fortis prudentiae viros, qui negent doliturum esse sapientem: hi non videntur mihi umquam in eiusmodi casum incidisse, alioquin excussisset illis Fortuna superbam sapientiam et ad confessionem eos veri etiam invitos compulsisset. Satis praestiterit ratio, si id unum ex dolore, quod et superest et abundat, exciderit: ut quidem nullum omnino esse eum patiat nec sperandum ulli nec concupiscendum est. Hunc potius modum servet, qui nec impietatem imitetur nec insaniam et nos in eo teneat habitu, qui et pia mentis est nec motae: fluant lacrimae, sed eadem et desinant, trahantur ex imo gemitus pectore, sed iidem et finiantur. Sic rege animum tuum, ut et sapientibus te adprobare possis et fratribus. Effice ut frequenter fratris tui memoriam tibi velis occurrere, ut illum et sermonibus celebres et adsidua recordatione repraesentes tibi, quod ita demum consequi poteris, si tibi memoriam eius iucundam magis quam flebilem feceris; naturale est enim ut semper animus ab eo refugiat, ad quod cum tristitia

revertitur. Cogita modestiam eius, cogita in rebus agendis sollertiam, in exsequendis industriam, in promissis constantiam. Omnia dicta eius ac facta et aliis expone et tibimet ipse commemora. Qualis fuerit cogita qualisque sperari potuerit: quid enim de illo non tuto sponderi fratre posset?

Haec, utcumque potui, longo iam situ obsoleto et hebetato animo composui. Quae si aut parum respondere ingenio tuo aut parum mederi dolori videbuntur, cogita quam non possit is alienae vacare consolationi quem sua mala occupatum tenent, et quam non facile Latina ei homini verba succurrant, quem barbarorum inconditus et barbaris quoque humanioribus gravis fremitus circumsonat.

## Referências

GRIMAL, P. *La littérature latine*. Paris: Fayard, 1994.

SÊNECA. *Cartas consolatórias*. Trad. de Cleonice F. M. van Raij. Campinas: Pontes, 1992.

SÊNÈQUE. *Dialogues*. Tome troisième: consolations. Texte ét. et trad. par René Waltz. Paris: "Les Belles Lettres", 1942.

SUËTONE. *Vies des douze Césars*. Claude – Néron. Texte ét. et trad. par Henri Ailloud. Paris: "Les Belles Lettres", 2002.

THE LATIN LIBRARY: [www.thelatinlibrary.com/sen/sen.consolatione1.shtml](http://www.thelatinlibrary.com/sen/sen.consolatione1.shtml).

MEMENTO mori: mosaico de Pompéia. In: Museu Arqueológico Nacional de Nápoles, anterior a 79 d.C. Disponível em: <[www.flickr.com/photos/chrisjohnbeckett/544111281/](http://www.flickr.com/photos/chrisjohnbeckett/544111281/)>.





**v**  
**v v**  
**v v**  
**viva voz**